



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

### Paulo Andrade

O artista plástico Paulo de Andrade, que nos deixou nesse fim de semana, morava na 312 Norte, e havia um antropólogo da Funai no quinto andar. Certa noite, abriu o elevador e encontrou dois índios, com pinturas no corpo, armados de borduna, arco e flecha. Não falavam nada, provavelmente não dominavam a língua portuguesa.

Paulinho perguntou se iriam à casa do antropólogo e, pelos olhares, entendeu que sim. Apertou o número do andar e seguiram. Eles ficaram olhando para o infinito da porta do elevador e foram embora

quando a porta abriu.

Naqueles 20 segundos, Paulinho teve uma iluminação sobre a síntese que Brasília representa entre modernidade e ancestralidade brasileiras. Por isso, decidiu fazer a série de gravuras O eterno retorno — Uma leitura de Nietzsche no Planalto Central. Animadas por cores vibrantes, as imagens projetam índios fortes e ativos, índios do Xingu, com os corpos tatuados de pinturas. Parecem estampas pops concebidas por Andy Warhol.

Em uma das gravuras, um grupo de índios homens forma uma fila na faixa central da Esplanada dos Ministérios no meio dos carros em movimento. Em outra, mulheres índias jogam futebol em frente ao Palácio da Alvorada. Em uma terceira, brincam na área externa do Museu da República. A série traduz uma visão de solidariedade e encantamento de parte da

juventude brasileira pelos índios na década de 1980.

A série nasceu de um trabalho de colagens com cartões-postais. Como a cidade era muito vazia, Paulinho e vários amigos começaram uma brincadeira de ocupar a cidade com imagens recortadas. Daí surgiu a ideia de situar os índios dentro dos espaços arquitetônicos modernistas de Brasília. Recentemente, ele atualizou a série com novas intervenções e versões.

Paulinho esteve em Brasília, pela primeira vez, em 1969. A sensação era de que era a última trincheira da ditadura a cair. No entanto, mesmo assim, ele voltou e ficou. Descobriu uma outra cidade completamente distinta da que concebera.

Não havia mar, mas ela tinha um céu maravilhoso e um espaço aberto a voos da imaginação. Logo, fez amigos e, nos

anos 1980, participou do movimento Cabeças, de ocupação cultural da cidade e de criação de uma linguagem brasileira nas artes visuais: “Brasília é a cidade que me deu régua e compasso”, afirma Paulinho em entrevista ao **Correio**, concedida a repórter Vanessa Aquino: “A gente faz amigos de uma maneira diferente de outros lugares. Nunca me senti sozinho aqui”.

Paulo morreu no último fim de semana. Ele foi vencido por um câncer agressivo, que lhe provocou muito sofrimento. Mas, o lado triste, como destacou a amiga e médica Ana Costa, é que ele peregrinou durante seis meses e não teve acesso a tratamento nos hospitais públicos, pois não dispunha de plano de saúde. Em lance de trágica ironia, morreu no dia em que teria agendada a primeira consulta na oncologia, graças a uma ação judicial.

Paulo pintou lindas telas em acrílico

sobre as árvores do Plano Piloto, o pandemônio da pandemia que matou mais de 700 mil brasileiros, a série escárnios de análise dos acontecimentos políticos contemporâneos, a série existencial itinerários da dor, a série de desenhos sobre personagens do jazz e sobre os golpes políticos. Ele fez a edição de arte do livro A profissão do sonho — Clodo, Climério e Clésio, de minha autoria em parceria com Dea Barbosa. A arte de Paulinho se moveu do lirismo ao dramático e à crítica ácida. Deixa como legado um rico acervo de imagens.

Mas o que me parece mais marcante é a série sobre os índios no cenário do Plano Piloto. Com ela, Paulinho deu uma contribuição importante para a criação de uma identidade visual brasileira. Essas serigrafias permanecem vivas em minhas retinas.

## » PODCAST DO CORREIO

Integrantes da Agrupação Teatral Amacaca, última trupe criada pelo diretor, Catarina Aciolly e Dani Neri relembram a importância do uruguaio-candango para a cena artística de Brasília

» BEATRIZ MASCARENHAS

“Ele se autointitulava o mais candango dos uruguaio, ou o uruguaio mais candango que há”, lembrou a diretora Catarina Aciolly sobre o mestre de teatro uruguaio Hugo Rodas, responsável por dirigir e encenar espetáculos que marcaram o cenário brasileiro da dramaturgia. No *Podcast do Correio*, a atriz e musicista Dani Neri e Catarina Aciolly, integrantes da Agrupação Teatral Amacaca, compartilharam mais detalhes sobre a homenagem ao diretor, que faleceu em 2022. O aniversário do artista, nascido em 27 de maio, será lembrado amanhã.

Dirigido por Catarina, o filme *Rodas Gigantes* foi exibido na quarta-feira, no Cine Brasília. O documentário mostra os últimos quatro anos da vida do encenador, de 2018 a 2022. Ele participou de 87 festivais, em que recebeu mais de 29 prêmios. Apresentada no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de 2023, a obra foi premiada em três categorias: Melhor montagem, Melhor filme e Melhor direção. No evento, admiradores do artista participaram de uma exposição fotográfica com registros sensíveis do diretor de teatro, feita por Diego Bresani — aluno e parceiro de Hugo.

Além da exibição do documentário, uma iniciativa da Embaixada do Uruguai, Hugo também está sendo homenageado com uma apresentação da peça *Saltimbancos*, pela companhia teatral Amacaca, uma das últimas trupes encabeçada pelo diretor de teatro. Mesmo após a morte de Hugo, o grupo se mantém ativo e fará a apresentação em 30 de maio, às 11h, no Centro de Convenções Ulisses Guimarães.

### Quem foi Hugo Rodas

Nas palavras de Catarina, “Hugo assumia sua intensidade como latino-americano”. Ela revela que o diretor multifacetado se aborrecia quando percebia que um espetáculo estava se repetindo. Apostando em tons, fotografias e câmera lenta, Hugo se reinventava. “Ele possuía uma consciência corporal incrível”, completa Dani Nery.

A atriz enfatizou que Hugo Rodas trouxe uma verdadeira “revolução para o teatro brasileiro”, caracterizada por um “tônus” muito próprio da cidade. Ela aponta o teatro físico, o movimento e a interconexão de linguagens como música, corpo e texto como elementos centrais de sua obra, afirmando que “nada está desatrelado”. Para Nery, os espetáculos de Hugo são “grandes manifestos”, não apenas entretenimento, mas “espetáculos de provocação”, impulsionados por sua natureza inquietada e inconformista.

É com base na memória e nostalgia de Hugo como diretor que a companhia Amacaca segue em atividade. Questionadas sobre como o grupo se mantinha, a dupla lamentou a falta de investimento nos espetáculos. Dani afirma que “cada integrante da Amacaca faz diversas coisas pra se manter”, relata. Os atuais editais foram descritos como pontuais e insuficientes para garantir o bom funcionamento das apresentações. “Falta uma política de manutenção de companhias teatrais. Precisamos ter políticas voltadas para as coletivas de teatro”, defende Catarina.

Segundo a diretora, pulverizar os editais pode dar força para 20 espetáculos, mas não é suficiente. O ideal, na percepção da dupla, seria a disponibilização dos espaços culturais de Brasília para os ensaios das



Podcast do Correio Brasileiro com Catarina Aciolly e Dani Neri

# O legado de Hugo Rodas para a cidade

Acabou que o espetáculo (*Saltimbancos*) se ornou um presente e uma grande homenagem para ele e para a capital”

Dani Nery

Hugo assumia sua intensidade como latino-americano”

Catarina Acciolly

companhias, entre eles, o Teatro Nacional Cláudio Santoro.

### Montagem

Durante o Podcast, a dupla ainda lembrou a remontagem de *Saltimbancos*, em 2017, realizada em homenagem aos 80 de Hugo, além de 40 anos da peça. Apesar

de estar convencido de que queria montar um novo espetáculo, ele acabou sendo incitado a remontar a peça de Chico Buarque. “Acabou que o espetáculo se ornou um presente, e uma grande homenagem para ele e para a capital”, descreveu Dani.

A remontagem de *Saltimbancos* é descrita pela atriz como um espetáculo muito jovial e com uma energia intensa no palco. A peça dos anos 1970, com o grupo Pitu, é lembrada com carinho, sendo um “grande encontro na juventude” e um “grito de liberdade” em uma época sombria.

Dani conta que, naquela época, havia uma separação física entre a banda e o corpo de atores-dançarinos. Na montagem atual, Hugo Rodas conseguiu realizar seu sonho de ter uma trupe “multilinguagens”, na qual os artistas dançam, tocam e fazem piroetas, com todos os instrumentos ao vivo em cena, como marimba, trompete, violão, flauta e bateria.

Ao assistir à peça, o público se envolve ativamente, com crianças subindo ao palco e pais chorando ao cantar *Dorme a Cidade*. A dupla descreve que o espetáculo ativa uma “memória

emotiva muito forte” e, embora dirigida a crianças, toca profundamente os adultos, abordando temas como união e a frase *Todos juntos somos fortes*, que tem uma “atualidade enorme”, afirma a atriz. Dani Nery relata que cresceu ouvindo o disco *Saltimbancos* e percebe que muitos da sua geração não tinham noção do contexto político das mensagens.

A companhia já levou a peça para Planaltina, Gama, Ceilândia e Taguatinga, buscando alcançar públicos que têm pouco acesso ao teatro. Dani Nery tem o sonho de tornar *Saltimbancos* uma política pública na cidade, levando a peça a todas as escolas públicas do DF, pois o espetáculo pode ser atrelado a várias matérias escolares, fortalecendo a educação e falando de democracia e união.

Questionadas sobre a manutenção do legado do Hugo, o filme dirigido por Catarina é citado como um material vivo, que se perpetua mesmo na ausência da última geração. Assim como a preservação do repertório vivo da Agrupação Amacaca. Dani Nery afirma que Amacaca continua trabalhando para que o repertório continue em movimento, incluindo espetáculos, como *Saltimbancos*, *Rinoceronte*, *Punai Baraúna*, *Ensaio Geral* e o virtual *Poema Confinado*. “É a melhor homenagem que podemos fazer”, afirma.

Outro projeto do grupo seria realizar um Festival Hugo Rodas no próximo ano, que não pôde acontecer durante a pandemia. Catarina respondeu que uma importante maneira de cuidar desse legado seria com o reconhecimento da classe artística. A diretora ressalta a importância de reconhecer a classe artística como trabalhadora, destacando que os projetos são realizados com muito investimento próprio e apoio de coprodutores.

### Serviço

Peça: *Saltimbancos* / Grupo: Agrupação Teatral Amacaca / Data: 30/05 / Horário: 11h / Ingressos: R\$ 45 meia-entrada | R\$ 90 inteira / Local: Centro de Convenções Ulisses Guimarães / Ingressos: Bilheteria Digital.